Thommas Herman

O Crepúsculo da Morte

AZ7 Editora
2024

ficha

Béla Lugosi

Béla Lugosi, foi um ator memorável e bem requisitado nos anos 30/40/50, ele foi o protagonista do filme Drácula, dizem, ou melhor, existe uma história que conta, que ele havia introjetado tanto o personagem em si, que acabou de confundi-lo consigo mesmo, pois deveria ter um temperamento parecido com o do "conde", vingativo e sanguinário, mas seria esse apenas, o temperamento do conde Drácula? Todos os seres humanos são complexos, e com ele, não deveria ser diferente, mas quais seriam as características peculiares, os hábitos desse homem misterioso e temeroso? Dizem que ele bebia o sangue das vítimas, o que provavelmente era mentira, pois as pessoas sempre falam demais, e com certeza foi isso o que aconteceu, mas o que teria acontecido com Béla Lugosi, ele fez um caixão, uma "cripta" dentro de sua casa, e acabou vivendo o resto de sua vida dentro deste caixão, saindo dele talvez, apenas para beber água? Comer? Quem saberia que tipo de vida ele teria levado, isolado dos parentes, que também não sei se haviam brigado com ele ou ambos haviam se desentendido, teriam tentado interná-lo como esquizofrênico?

Mas porque digo isso tudo? O que tem a ver a vida de um ator de Hollywood com o romance que se segue? Algo análogo meus amigos, infelizmente. Acabei chegando à uma conclusão, refletindo muito que, a humanidade está fazendo algo parecido, ou seja, enterrando suas vidas, seus corpos em caixões, e já estava me esquecendo da alma, é isso o que estamos fazendo, colocando tudo o que temos de melhor num túmulo, a gentileza, a paciência, a graça, o humor, o amor, o sacrifício, e o que tiramos deste túmulo, ou dessa caixa de pandora? A desconfiança de tudo, o medo de tudo, o ódio, o rancor, a vontade de ganhar dinheiro fácil, encontrar um amor fácil, e ter tudo aquilo que os outros "invejam". E onde chegamos com isso? Chegamos ao ponto em que alguns acreditam que as máquinas dominarão a terra e até mesmo farão viagens espaciais, chegamos ao ponto de se pensar e o mais temeroso, acreditar que se pode colo-

nizar a lua ou marte, ou qualquer outro planeta que tivesse vida, isso tudo porque?

Porque é a humanidade fugindo de si mesma, com a desculpa de que é preciso ter um modo de fugir das catástrofes que podem vir a acontecer, somando isso, as guerras, a fome, a violência, consequentemente, enterramos a terra em seu túmulo, e como Béla Lugosi, queremos viver nele e não sair mais, porque nos enfastiamos de tudo e não cremos em mais nada, somos como o avestruz que enterra a cabeça na terra para não ver, e não observamos o que há atrás de nós, ou seja, nosso passado, nossa história.

O Crepúsculo da Morte

Quem sabe se nós dois pudéssemos equacionar, encontrar um meio de igualar nosso sofrimento, nosso choro e lamento, quem sabe, se por um minuto sequer, tivéssemos parado para pensar no que nossas circunstâncias nos transformaram, dois monstros, foi isso no que nos tornamos. Desde que você começou a me olhar com aquele olhar tão meigo, tão provocativo, como se estivesse inclusive querendo se passar não por santa, mas merecedora de todo o amor do mundo, porque foi mais ou menos isso que eu pude ler nos seus olhos. E porque eu achei isso, será que não foi porque isso fosse exatamente o que você pensava de mim? Dizem que todos os nossos pensamentos são recíprocos, nada mais falso, isso pode ser verdade por alguns segundos ou minutos, mas é só aparecer alguém mais atraente, bonito, poderoso, inteligente talvez, aliás, isso está em falta, onde estão as pessoas inteligentes? E o que é isso que chamamos de inteligência? E se a inteligência for apenas tudo o que guardamos em nossa memória? E se tudo o que chamamos inteligência não for mais do que a simples maneira que encontramos para se livrar deste inferno em que vivemos? Em suma, o nosso jogo de cintura para não cair em tentações, não fazer besteiras, uma maneira de economizar dinheiro, conseguir se aproximar de pessoas ricas, não este não é meu caso, mas acredite, há pessoas capazes disso.

Admiro as pessoas que fazem das tripas coração para sobreviver, estudar e trabalhar, criar os filhos, mas há um ditado que diz: Cuidado com todas as consequências de uma vida ocupada demais. Por que temos filhos? Não, eu não tenho, e nem pretendo ter, pois o modo, a maneira, o estado em que cheguei, de miséria, tribulação, pasmo e decepção com tudo e todos, me impedem de querer colocar um ser tão frágil e inocente neste mundo, pois o mundo não é para inocentes. Também não creio na felicidade, nem acho que todo o isolamento dos monges seja capaz de espantar nossos demônios interiores ou nossos mais ocultos desejos. Não creio que ditaduras podem colocar as pessoas

na linha, veja o que aconteceu quando a ditadura de Getúlio Vargas extraditou Olga Benário para a Alemanha, por acaso isso acabou com o amor de Prestes por ela? Fez com que ele abandonasse os ideais comunistas? Não, talvez ele tenha mudado apenas de forma, mas continuou sempre o mesmo. Aliás, era sonho da mãe dele que ele entrasse no exército, logo em um alto posto. Acontece que ele queria subir na hierarquia por méritos próprios, e não por ser filho de um coronel.

Assim que acontece com o amor, certas mulheres querem ser conquistadas, e não apenas amadas por serem amadas. Eis o grande mistério do amor, qual é a verdade? Qual é a diferença entre o amor espontâneo e o amor conquistado? Acho que essas duas terminologias estão mais do que ultrapassadas, e eu demorei para entender que as pessoas não nascem prontas e nem ficam prontas com a maioridade aos 18 anos, ou outras idades, dependendo do país. A verdade é que cada pessoa tem seu fardo, e é preciso compreender isso, saber que há muitas pessoas e dificuldades em nosso caminho que atrasam nossa marcha, mas não impossibilitam, porque toda pessoa perseverante sabe que no fim, a verdade aparece, e o que seria a verdade senão o amor? Para amar é preciso amadurecer, mas se estamos constantemente em processo de contínuo amadurecimento, quando estaremos prontos de fato para amar? Pessoas que não entendem isso confundem o processo, achando que é a sua vivência de brigas como casal que leva ao aperfeiçoamento. Há alguma verdade nisso, mas há pessoas que já nascem prontas para amar, pois passaram a vida procurando o verdadeiro amor e achavam que ele as tinha abandonado, quando na verdade aquela pessoa madura ainda não tinha aparecido. Isso significa que elas só tinham a semente do amor, mas o que seria isso? Creio que seja uma visão de algo crepuscular, ou seja, algo tão real, palpável forte, mas que, como tudo que vive, tem de ir embora um dia. O amor é vivo, é como o sangue; alguns dizem que o amor é o que faz pulsar, acelerar o coração, tremer as pernas, suar as mãose corar o rosto. Outros, como eu, já acham que é o

contrário, mas seja como for, estudar o aspecto filosófico do amor é sempre algo inconcebível, incomparavelmente maior do que qualquer "amor real". Você pode levar anos para entender isso, por isso, não tenha pressa.

Amores vêm e vão, mas quem vive assim ainda não encontrou a razão, não sabe o que é chorar a perda de alguém, de um irmão, mesmo que ele não seja perfeito, mesmo que ele não goste das mesmas coisas que você.

Mas o amor aceita tudo? Claro que não, no amor não há espaço para a maldade, para traição e humilhações, e nem para interesses pessoais, mas sim uma comunhão de interesses, porque quando dois corpos se fundem, se confundem, é sinal de que o amor prosperou, amadureceu e teve êxito. Quando não há isso, há confusão, tristeza e temeridade.

Conheci uma jovem certa vez, de 18 anos, que conhecia a "cidade inteira" em termos de garotos, se achava a expert porque saía todos os fins de semana, ia às boates, bebia de "leve", dançava, chegava já beijando os amigos no rosto, e assim, achava que era a mulher mais popular e engraçada da cidade, do bairro, talvez até da escola. A mãe tinha uma ortopedia, na verdade, uma loja de artigos ortopédicos, e ela não entendia direito por que muitos velhos apareciam com problemas na coluna, talvez nunca tenha se dado conta de como o mundo realmente é. Achava que sua beleza e juventude bastavam para agarrar um namorado e não dava muita atenção aos conselhos da mãe. Quantas histórias assim eu não ouvi, de jovens que não ouviam a mãe, mas quando precisavam de dinheiro, era a primeira pessoa a quem pediam. Assim é, acredito, nos relacionamentos: elas usam enquanto precisam, depois descartam. Dizem que é o "medo do amor" quando se sentem injustiçadas e o medo de sofrer violência. Muitas perdem a oportunidade de conhecer alguém por essa reserva irracional, nem procuram saber qual a procedência da pessoa. Quando finalmente encontram alguém, a pessoa certa, já entram com medo no relacionamento, mas não deveriam entrar, pois o amor não conhece o medo. Se há medo, não é amor.

Algumas são tão espertas que fazem um período de teste que dura 3 meses, como se fosse uma empresa. Retornando um pouco à jovem de 18 anos e explicando a ignorância dela sobre as dores ciáticas e ósseas dos idosos, essas dores nada mais são do que o resultado dos esforços e empreendimentos feitos quando jovens em busca de um ideal de vida, buscando trabalho, durante o trabalho, e todo o conjunto de noites mal dormidas, talvez insones, que foram perdidas pensando naquele amor impossível, naquela pessoa que, por uma ironia do destino, achamos que fecharia todos os nossos sonhos, tornando-os realidade. A verdade é que fantasiamos, mas as pessoas não têm imaginação ou inteligência suficiente para transformar essas fantasias em realidade. Como dizia Raul Seixas, "faça o que tu queres pois é tudo da lei", e se pensarmos bem, quase tudo é possível para nós, desde que nos abramos para todo o impossível. Entre a minha visão de mundo e a visão do outro, ou seja, entre minha verdade e a do outro, existe ou deve haver não um ponto de encontro onde as duas não se fundem, mas pelo contrário, deve haver um meio de transformar as duas verdades em uma só.

Quanto a essas garotas que se acham "experts" em tudo, elas pensam que conhecem as pessoas, ao encontra-las em boates, clubes, mas nem imaginam que, na minha visão, só é possível conhecer as pessoas no ambiente de trabalho, convivendo muitas horas com elas, e olha que mesmo assim, ainda não as conhecemos por completo.

Se todos nós observarmos e prestarmos atenção a um casal de mendigos se acariciando na rua, logo entendemos que eles não têm outro lugar para namorar e por isso fazem isso em público. Mas e quanto aos outros que têm casa, têm tudo? Você acredita que um beijo em público não pode ser dissimulado? Acha que eles beijam assim em casa? Já vi uma pesquisa dizendo que 60% das mulheres não amam seus maridos, que casam apenas pela estabilidade e para ter onde viver. Por que isso acontece? Creio que elas fazem tudo para evitar sofrer ou, melhor dizendo, evitam enfrentar sua própria realidade interior. A traição tem duas cau-

sas: ou a pessoa descobre que está casada e ainda teve filhos com a pessoa errada, ou então, como é a desculpa mais comum, foi um momento de fraqueza. E esses momentos de fraqueza, o que são? Não seriam as possíveis dúvidas quanto a estar vivendo com a pessoa certa ou errada? Ou a vontade louca de sexo que o parceiro ou a parceira não consegue satisfazer? Mas acredito que ainda há um terceiro motivo para traição: demonstrar poder, mostrar que pode conseguir o que quer e como quer. Mas isso é apenas uma forma infantil de tentar não enfrentar seus próprios demônios, é a falta de vontade ou empenho e esforço em tentar ser melhor. Ou, em outro caso, quando é o outro que não se esforça, é a tentativa de fugir dele, mas por que o outro não se esforça, faltam-lhe motivos? Eu, por exemplo, acho que prefiro ouvir uma aula de química por horas, com pausas, é claro, do que ouvir papos de adolescentes que acho insuportáveis, porque aliás, existe química em tudo, ou quase tudo. Ainda há algo que me atrai nas adolescentes, mas apenas me atrai, que é uma certa "inocência" em grande maioria delas, primitiva, como os índios usam para se defender. Adolescentes são perversas, vingativas, usam os outros para fazer ciúmes. Elas não têm aquela "inocência refinada" que, na verdade, tem um limite, e que nós adultos por momentos até que dissimulamos.

Há pouco, li um livro sobre o amor e celibato na Idade Média, onde acabei sabendo que no século XII houve, acredite se quiser (sem ser machista), uma abadia governada por uma mulher. Pus-me a pensar se, no dia de hoje, seria possível isso. As mulheres hoje se destacam no esporte, na literatura, na ciência, mas teriam fibra ou força suficiente para suportar o "peso de Deus"? Sou sincero em dizer que eu mesmo não suportaria. Aliás, eu nem mesmo tenho ideias do que faz um abade ou uma abadessa, quais são suas atribuições, qual é o orçamento que eles têm que administrar.

Acho curioso e incrivelmente surreal que, atualmente, o movimento LGBT gaste tanto tempo reivindicando direitos, quando, na verdade, se conhecessem as intenções de

certos governantes desde a Guerra do Golfo Pérsico, onde discutiram formas de eliminar milhares, até milhões de seres humanos através de epidemias, fome, etc. Mas voltarei a falar disso mais tarde.

O inferno hoje não é a presença de governantes tentando nos eliminar, mas sim a nossa falta de união contra isso. Mesmo que não tivéssemos força suficiente para deter essa máquina demoníaca e seu aparato bélico, o que ganharíamos com isso? Talvez deixássemos uma lição para nossos filhos, um legado, ou melhor ainda, talvez teríamos um fim de vida menos tortuoso, mas mais suave , com certa liberdade interior para não ocupar a cabeça, a nossa mente com tantos pensamentos obscuros, utópicos e até idiotas de desconfiança contra pessoas que, de todas as formas, às vezes tentam fazer o bem, mas são condenadas pelo seu jeito de ser, por sua inexplicável alegria que insiste em existir em um mundo inviável. Talvez não viveríamos de cara feia, aliás, que contradição ser alegre em um mundo inviável, como? Você sabe que muitas vezes precisamos disfarçar tanto a alegria quanto a tristeza, não sabe? O amor ao amor é amor, e o ódio ao ódio também é amor, mas o que tudo isso realmente significa? Não sei dizer exatamente, mas tudo isso me parece quase sem solução. Também reconheço que é duvidoso, como não desejar o mal à quem destruiu uma vida ou várias vidas? Como olhar para seu algoz, aquele ou aquela idiota, responsável pela perda do seu emprego, e não sentir vontade de retaliar com violência? A verdade é que nos contemos porque somos civilizados e tememos as consequências legais de nossos atos.

Enquanto isso, vemos essas pessoas “livres” por aí, mas será que são livres mesmo? Será que são felizes? Nunca saberemos, pois a própria verdade da vida é que ela é feita de altos e baixos, alegrias e tristezas, mas o que significa isso? É que a cada ano que passa, os místicos, religiosos, teólogos e estudiosos da filosofia nos convencem, por momentos, de que a velhice é uma bênção, que é nela que enxergamos tudo o que de ruim ficou para trás, mas será que ficou mesmo? Será que ficamos mais experientes?